ARUI()

ORGÃO DA ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS DE SANTA CATHARINA

ANNO I

Florianopolis, Fevereiro e Março de 1908

Nº. 1 . 526

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para O Marujo deve ser dirigida á Escola de Aprendizes Marinhei-Lucas Alexandre Boiteux.

O Marujo publica-se mensalmente e tem por unico sim de- teresses, de opiniões, de tenden- aberto á civilisação européa por senvolver entre os Aprendizes cias e de organisação moral? Marinheiros de Santa Catharina, nossas gloriosas tradicções, e cultivar rigorosamente o espirito numerica que se attribue ? militar.

A Nossa Nacionalisação

Não nos illudamos, ainda se elabora a nossa nacionalidade.

A população que a forma actualmente é muito pequena comparada com o territorio, que está por povoar e acha-se dividida, como é natural em agrupamen. scientifica para proceder á tão destemente amamos. tos muito distanciados, uns dos

Quando, como agora, se desenvolve entre nós a tradicional febricitante actividade americana para povoar o vastissimo espaço territorial, que em nossa gatria espera a mão do homem para alargar a cultura agricola e pastoril, crear a industria e leval-a ao apuro, que revalise com a da velha Europa e da ardente America do Norte; para sulcar em todas as direcções o solo uberrimo com estradas de ferro, que ponham em communicação rapida os dispersos habitantes; para multiplicar a nossa marinha mercante e dotal-a de unidades construidas pelos mais adian tados processos; achamo-nos naturalmente em um periodo critico de evolução social, em que cumpre aos dirigentes estudar attentamente a direcção a dar á esse movimento para fundar uma o pequeno Portugal, d'onde ie-

decisiva e desafrontadamente ção e ao tempo, em que a orgudecisiva e desarrontadamento. Ilhosa Ibion ainda ensaiava as todas as circumstancias, quer praça d'armas, na sala de um

entre as nações?

creando-se no decurso do tempo tos territorios na África. uma communhão especial de in-

Existe esta superioridade?

Que os sabios naturalistas, e outros homens eruditos preveção de dezenas de annos, em todas as suas particularidades o n'estes tempos tão afastados.

sabias investigações seja-me licito, a mim ou a qualquer outro menos sabedor, antever em nossa patria, de tão auspiciosos elementos actuaes, uma das maio prosperas nações do mundo e que os anglo-saxões não conseguirão absorver a raça latina por mais seguros, que pareçam de o conseguirem.

D'essa aprehensão nos arredam as lições de historia.

Ouando o mundo latino pareenvolvida pela medonha tempes- estabelecimento militar. tade, a França, Hespanha e Portugal. nações modernas da raça, que os vencedores não puderam aniquilar.

Entre ellas, o mais pequeno, ve ava em tentativas começadas reduzido o numero de seus habicos receio e logo abandonadas tantes pela rija, tenaz e sanguicon desanimo, inconsciente do nolenta luta, que se prolongou teriores de respeito a um supeque já era e valia, para entrar por seculos, constituio-se em na- rior ?

ducente ao progresso e affirmar suas primeiras tentativas de ex- de dia, quer de noute, embora são dos povos diversos, que aflui- roteiro, outros portuguezes a voltar-se para o superior afim rem á povoal-o e da do clima, submettiam e conquistavam vas de saudal-o.

Na America, no novo mundo continencia militar? um latino, Christovão Colombo, pelo modo prescripto, nas orde-Predominará fatalmente no a sua maior parte está povoada nanças, com destreza, consero amor á Patria, ao estudo e ás futuro sobre este sólo a raça an- pela raça latina e si é certo que vando a cabeça erguida e voltaglo-saxonia pela superioridade nos Estados Unidos existem la- da ligeiramente para o superior onde já dominaram, como aliás pressão respeitosa e marcial. tem acontecido á povos de outras jam e descrevam com antecipa- ferentes, verifica-se que conservam o cunho original.

Appio Couto 1 TENENTE

Deveres Militares

Serviço militar. Bandeira nacional.

(Continuação)

P. - Quando se deve saudar a bandeira?

R.-Deve-se saudar a bandeira toda a vez que fôr vista cia irremediavelmante subverti- passar acompanhada por um do na voragem da força desorde- corpo ou fracção de tropa; toda nada no deshumano afan de des- a vez que se subir á tolda de um truir, do tenebroso cahos social, navio de guerra, quando estiver brotaram frondosas e cheias de içada, e toda a vez que se içar viço a propria Italia, a primeira ou arriar á bordo ou em terra em

Continencias militares individuaes

P.—A quem deve fazer continencia uma praça de pret?

R.-A bandeira nacional; a Que sera o Braza de de de la sado jugo africano, quando pariores subalternos e inferiores estes de lhes retribuir. hio das vacillações, com que se recia extenuado e se encontrava do Exercito e Marinha e tam-

P. - Quaes são os signaes ex- só vez

energicamente a sua existencia plorar os mares, já elle e a Hes- de folga, estando parado ou capanha os dominavão nas mais minhando, ao passar perto de Constituir-se-á n'elle uma no- longinquas e desconhecidas dis- um superior de qualquer posto va raça produzida pela combina- tancias; um portuguez descobria ou corpo a que pertença deve: se ros, no Estreito, ao 1º. tenente ção da influencia reciproca da fu- o rumo da India e traçava o seo estiver sentado, levantar-se e

ele/-

P. Como deve ser feita a

R. -Deve ser sempre feita tinos suplantados em territorios e olhando-o em frente com ex-

P. - O que deve fazer um manações, em regiões e tempos dif- rinheiro ao encontrar algum of-

ficial general?

R.-Volverá ao lado por on-Não é pois o temor da elimi- de tiver de passar o mesmo, caracter nacional, a civilisação e nação de nossa raça, que me in- dando-lhe a calçada ou a direita riqueza, a que attingirá o Brazil vade a alma de brazileiro, mas fazendo-lhe a continencia á diso de passarmos de dominantes a tancia de 10 passos e desfazen-Si me fallece porém a cultura dominados n'esta terra que ar- do-a, quando o mesmo tiver pas-

> Com o official superior procederá do mesmo modo, fazendolhe a continencia a 5 passos de distancia, desfazendo-a quando o mesmo tenha passado 3.

> Aos capitães-tenentes e subalternos darão a direita ou a calçada fazendo a continencia a 2 passos antes de por elles passarem e desfazendo-a, quando se tenham afastado 1 passo, Se o superior estiver parado, a praça que por elle passar, fará a continencia nas distancias indi-

> P. -Estando descoberta, o que fará a praça ?

> R.—Perfila-se a approximação do official, se estiver parado, ou estaca á sua passagem, quadrando-se, si se encontrarem ambos em movimento.

> P.-São dispensados em certos casos os marinheiros de fazer continencias aos superiores?

R.-Não; nas ruas, nos pasgrande nacionalidade com carac- ram os nossos antepassados, essa S. Ex. o Sr. Presidente da Re- seios, theatros, cafés ou em outeristicos, que a assignalem vi- estreita e curta facha de terra do publica, aos soberanos estran- tros logares de diversão, quer de gorosamente entre as outras na- extremo occidente da Europa, geiros, ao Congresso quando en- dia, quer de noute, os militares dispondo apenas de limitados re- corporados; ao Supremo Tribu- não são dispensados das conti-Que será o Brazil dentro de cursos, depois de sacudir o pe- nal Federal; aos officiaes supe- nencias aos seus superiores, nem

Esta continencia não se repete, basta fazer a continencia uma

P .- Quando um inferior entrar em casa, na secretaria ou R. - Todo o marinheiro, em na camara de um superior, na moradia de uma pessoa qual- sados tempos. quer como deve fazer a continencia?

pta da continencia militar?

R.-A praça leva a mão direita aberta ao gorro, tocando-o com a primeira phalange do dedo index, na extremidade acima longamento do ante-braço, os hente camaradagem. dedos estendidos e juntos, o dos, a palma da mão inteira- alem, e gritou: mente voltada para a frente, o braço sensivelmente horisontal pela prôa! e no alinhamento dos hombros, continencia.

feita e desfeita por um gesto vivo e decidido, mas sem precipitação nem dureza.

P .- E quando um marinhei- deslisando nas ondas. ro estiver com as mãos occupadas de modo a não poder fazer a continencia com a mão, o que deve elle fazer encontrando um superior ?

rem ser contidas em uma só, de- brigue. verá passal-as para outra, afim de fazer a continencia com a ou-

P.-Tem-se obrigação de fa- sas do casco. zer sempre a continencia com a mão direita ?

R.-Não; póde-se tambem faa direita estiver occupada.

P. - Os signaes exteriores de respeito limitam-se á continencia ?

R.-Não. O inferior deve, em todos os logares, deixar a passagem livre a seu superior, não passando em uma calçada entre elle e as paredes, evitar dar-lhe encontrão; passar pela sua frente obrigando a diminuir-lhe o passo, conversar fazendo a continencia.

Indomita bravura

A amplidão verde-azulada do Atlantico desdobrava-se serena e calma...

brancas velas de um brigne, que se destacava altaneiro no meio do circulo formado pelo horisonte distante.

tuguez Minerva, que em cruzei- na. Corpos tombavam em tragiro cortava as ondas com o rumo cas contracções, escabujando ao sul. Tudo era calma a bordo: em sangue o quarto de folga em doce pa-

conselho de guerra e tambem na lestra recordava casos de pas- vam, cabos vergastavam o es-

R .- Descobrindo-se com a mão te era de um encanto inesprimi- ves, onde a maruja loaca carreesquerda, estando desarmado vel. E a prôa do alteroso bri- gava os canhões com presteza e ou com a espada embainhada, e gue talhava as ondas mansas raiva. tomarão a posição de sentido! num susurro embriagante. No

guerra.

A' pôpa, no tombadilho, a

-Uma vela á barlavento, inimigo.

olhando a pessoa a quem faz correu para a amurada a procu- galões de 1º tenente. rar a vela, aind occulta ao olhar A attitude da continencia é dos que se achavam no convez.

-- Será amigo? será inimigo? era a pergunta.

-Estou a vel-a, gritou um.

O vulto alteroso demau fragata de 30 peças desenhou-se nitido R.-Deve fixal-o respeitosa- d'enecontro ao fundo azul do esmente em frente, e si os obje- paço e com todo o panno largo, ctos que trouxer ás mãos pode- avançava celere em direcção ao

> se destacando todas as suas cor- miga, bem maltratada, comedoalhas e as curvas harmonio-

E o pequeno brigue continuava sereno na róta tomada.

Ouvio-se o soar de um pifazel-a eom a mão esquerda quan- ro e a maruja celere correu a mente mutiladas enchiam aquelpostos.

> Mal haviam tomado os seus lugares, quanto do costado da fragata sahio um relampago e um volumoso floco de fumaça alvacenta manchou o espaço. Ao mesmo tempo uma bandeira tricolor subia altiva ao penol da carangueja: era o pavilhã tcez

> A bordo do brigue a voz de fogo ecoou e um tiro de bala firmava o pavilhão branco com a esphera armillar ao centro, da nação portugueza.

> Apitos se fizeram ouvir e o alvo panno diminuio de super-

A fragata franceza cobrio-se de fumo e uma banda inteira foi Branda aragem enfunava as descarregada contra o pequeno brigue luzitano, que com galhardio respondeo ao fogo.

Um duelo tremendo travou-se entre os dous navios. As balas Era o brigue de guerra, por- perpassavam em louca carnifici-

Estilhaços de madeira salta-

paço em curvas originaes. Com vens, banhado de luz fulguran- e mastareos empachando o con-

E opequeno brige, em manoprôa, somnolento, prescrutava tar-se aos tiros da fragata proa momentos o horisonte fugidio. curando lhe os angulos mortos Tudo era paz no brigue de e ferindo-a sempre no seu largo costado.

Batiam-se como leões os brado olho direito; a mão no pro- officialidade palrava em atra- vos portuguezee ao avistarem purpureada pelo calor da lucta e De repente, o gageiro levan- emmoldurada pelo fumo dos capollegar reunido aos outros de- tou-se, firmou o olhar para nhões a figura heroica do jovem commandante a apontar-lhes o

A maruja curiosa, de salto, e já carregava nos punhos os

Cahira o primeiro mastro do brigue e ainda o fogo era sustentado com galhardia.

O convez era vermelho-al-E o pequeno brigue arfava, fombra palpitante e rubra do saugue daquelles bravos.

O segundo matro trespassado Parece um brigue, disse outro. por uma bala despenhou-se com estrondo, esmagando os esforçados palladinos, e trazendo comsigo a bandeira tremulante como para servir-lhe de augusta mor-

Tres horas e meia havia, que batalhavam. Vinha se approxi-De momento a momento iam- mando a noite e a fragata inicou a se affastar da lucta, deixando a mercê das ondas os superstites daquella homerica batalha.

> Quarenta cadaveres, terrivella tumba gloriosa e fluctuante.

Assim souberam cumprir com o seu dever aquelles bravos portuguezes commandados heroico brazileiro 1" tenente Luiz da Cunha Moreira, que veio a ser mais tarde o primeiro ministro da marinha do Brazil independente, com o titulo de Visconi de Cobo Frio.

Por esce memoravel feito foi elle promovido a capitão de fragata, como vê no decreto seguinte: «Attendendo o Principe Regente Nosso Senhor ao valor com que se houve o commandante, officiaes e tripolação do bergantim Minerva, no combate que tiveram com uma fragata franceza de trinta peças por espaço de tres horas e meia, foi servido promover a capitão de fragata o 1º tenente, commandante do dito bergantim Luiz da Cunha Moreira, etc... 5 de Novembro de 1800.»

L. A. Boiteux.

A VIDA DO MARUJO NO PORTO

A vida do marujo não póde O ceo bem azul, limpo de nu- fragor tremendo cahiam vergas ser regulada com a uniformidade da dos corpos do exercito.

Ella varia conforme a situação dos marinheiros, ora navegando em mares longinquos, ora embarcados em pequenos na-P.—Qual é a fórma prescri- cesto de gavea o gageiro de bras constantes, procurava fur- vios soltos, ora embarcados na esquadra de evoluções, ora no Corpo de Marinheiros, na fortaleza de Villegaignon.

Na Esquadra. - O grande centro normal de nossa marinha de guerra, é a esquadra de evolu-

Os effectivos os mais importantes de marujos se acham a bordo dos couraçados; é pois do marinheiro embarcado a bordo Era moço, bem moço ainda, de um couraçado que nos occuparemos particularmente.

Quadro de Inverno. - Brrr... Nada agradavel a vida de inverno, e bem trabalhosa! a chuva gelada. o navio jogando sem cessar, as ventanias e as interminas estadias no porto!

Viva a bella estação! Viva a vida do alto mar!

Trabalha-se firme, mas sómente com bello e claro sol, com grandes profundidades debaixo da quilha! Nas horas de folga, pandega-se na coberta! e os jogos permittidos nos fazem esquecer o cansaço.

O marujo de guerra fará mal em queixarse, por mais pesado que seja o trabalho.

Que elle se lembre dos camaradas da marinha mercante, transidos de frio sobre as vergas e ferindo e calejando as mãos no ferrar o panno e no alar dos cabos endurecidos pelo frio.

Fachina - O pesado couraçado está no porto, rudemente emballado sobre suas ancoras enormes; o silencio só é quebrado pelos passos cadenciados do official de quarto. agasalhado no seu grosso capote; de meia em meia hora, o estribilho monotono dos vigias e plantões. Alerta eleva-se para o espaço. A's vezes um ruido sobe da casa das machinas; é um machinismo auxiliar que se prepara. Como é doce sonhar na aldeia natal, n'uma maca docemente embalada pelo movimento das ondas.

De repente um rufar de tambor e toques de corneta rompem na bateria.

Termina o bom somno geral. No porto, geralmente, os marujos dormem quasi a noite inteira. Somente em viagem eque os dous quartos, comprehendendo cada um a metade da guarnição, se rendem de quatro em quatro horas para fazerem o serviço.

Alvorada. - Em seguida á fa-

Impossivel tirar mais uma somneca!

erviço, apparecem a acordar os preguiçosos. Salta, marujo!

maca!

A Revista. - Toca a banda o reunir. Os marujos com suas macas ferradas se reunem formados porquartos. Faz-se a chamada; finda a qual vão collocar nas trincheiras as suas macas.

O cafe. - Viva! Fez-se a chamada dos rancheiros.

O mestre cucas preparou o café. O official de quarto provou a amostra.

Nota. - Este trabalho é traduzido e adaptado á vida de bordo do nosso marinheiro.

(Continua)

Elementos indispensaveis ao moderno navio de combate

ao moderno navio de combate, são: poder offensivo, poder defensivo, velocidade, raio de ocção e deslocamento.

O poder offensivo de um naé a maior ou menor força com que póde contar este navio para inutilizar o inimigo.

dos seus canhões e do numero de rotação. tubos para o lançamento dos torpedos.

O poder defensivo de um nagio consiste na sua couraça, nos cudos de protecção da artilharia, nas torres couraçadas, nos reductos, etc.

Chama-se velocidade de um navio o caminho andado por elle durante uma hora.

E' uma qualidade offensiva e de mira ao mesmo tempo defensiva de de um navio.

Raio de acção é a maior distancia que um navio póde caminhar com o carvão que as suas carvoeiras pódem comportar.

Poder gyratorio é a qualidade que o navio tem de obdecer com facilidade a acção do leme, descrevendo curvas rapidas.

fensiva e defensiva.

tar-se sobre agua apegar de ferido nas suas obras vivas.

E' uma qualidade defensiva. Para comparar-se um navio sob o ponto de vista de todos os seos elementos, é impossivel, só que é o deslocamento entre eldes.

Appio Couto 1. Tenente

A carabina de repetição O fachineiro, o guardião de Mauser, modelo brazileiro combate de Jaguary em que de guarda, ou si praticar algu-Veste a camisa; ferra a tua culatra com carregador argentinos. contendo 5 cartuchos. E' exercito e ás tropas na-

Divide-se em sete partes principaes, a saber:

1º Cano

2º Caixa do mecanismo

3º Mecanismo da culatra

tição

5º Coronha

6º Guarnições

7° Sabre punhal

DETALHES

1º Cano

Os elementos indispensaveis apresentando exteriormente tres secções cylindricas de comprimentos e expessuras differentes, destina-

> Esta parte da arma comprehende o cano propriamente dito e o apparelho de pontaria que com elle está intimamente ligado.

Notam-se em sua parte des perdas,

Tubo supporte da alça de mira

Faxa da culatra Rosea

(Continúa)

Ephemerides do mez

O mez de Fereiro é para a E' uma qualidade tambem of- nossa historia naval cheio de paginas gloriosas, que recordam Chama-se poder fluctuante a o valor de nossos marujos em condição do navio poder aguen- defesa da Patria e das institui- formatura da guarda, sem justo ções. Assim:

A 1 de Fevereiro de 39 morre batendo-se contra os Farrapos, no Rio Grande o 1º Tenente formisado, como quando esteve

ha um ponto de approximação derrotados os revoltosos praieiros, que atacavam o Recife.

A 2 de Fevereiro de 65, no bombardeio contra Curupaity, no ou casas publicas de comida, reto. Paraguay, morre ferido por um quer proximas quer afastadas

te do couraçado Slvado.

destinada á infantaria do o combate naval de Corales, em o fizesse em outra oceasião. que a nossa esquadra bateo e perseguio a argentina.

te Francisco Cordeiro Torres e nella das armas. Alvim, Barão de Iguatemy. Era natural do nosso estado.

a passagem de Curupaity no Pa-

Laguna.

a passagem de Humayta, no Paraguay. E' uma das paginas de guerra.

A 24 de Fevereiro de 26 dá- mo caminho. do a conter o cartucho, re- se o combate do banco Ortiz em mittindo lhe um duplo mo- Neste mesmo dia do anno se- passarem Depende do poder destruidor Vimento de translação e guinte foram elles batidos de novo no combate de Quilmes.

> A 26 de Fevereiro de 26 os argentinos atacam as nossas forças na Colonia do Sacramen-

Depois de pertinaz combate foram elles repellidos com gran-

A 29 de Feveiro de 28 um bri-Tres seccões cylindricas gue de guerra nacional bate-se Annel supporte da alça galhardamente com um corsario argentino.

Obrigações de um soldado de uma guarda

1-Ao soldado de uma guarda, para que possa estar sempre prompto em qualquer occasião que for preciso, não lhe será permittido afastar do posto da guarda, sem licença do respectivo commandante.

ser castigado.

2 - Deverá conservar-se unina parada. Não tirará as correias A 2 de Fevereiro de 49 foram sinão com licença do commandante da guarda, e sempre por tejou o seu anniversario natalimotivo justificado.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

china a banda marcial rompe os Nomenclatura da Cara- estilhaço de bala o Commandante do corpo da guarda, nem tão Vidal de Oliveira, commandan- pouco se conservará na porta dellas.

-1895 - é uma arma de ca- uma divisão de nossa esquadra ma acção vergonhosa, deixando libre 7 m/m de deposito na repelle galhardamente os navios assim de conservar o respeito devido ao caracter militar, com-A 9 de Fevereiro de 26 dá-se metterá maior crime, do que si

5-Não se sentará no logar que costuma occupar o official da A 10 de Fevereiro de 83 mor- guarda, assim como não devere no Rio de Ja :eiro o Almiran- rá demorar-se diante da senti-

6-Quando for mandado em serviço fóra da guarda, seguirá A 13 de Fevereiro de 68 uma pelo caminho mais curto, não 4º Mecanismo de repe- divisão da nossa esquadra força entrará em casa alguma, por qualquer pretexto que seja, e nem fumará pela rua; porque, A 16 de Fevereiro de 1886 apezar de ir só, deve comtudo fallece no Rio o Almirante Je- considerar-se armado, emquanto suino Lamego Costa, Barão da durar sua diligencia. Si esta ti-Laguna. Era filho da cidade da ver por fim levar alguma parte a um official, quando chegar á sua A 19 de Feveiro de 68 a 3ª presença fará-alto -; com a Tubo de aço inteiriço divisão de nossa esquadra força arma perfilada e sem se approximar muito delle a entregará.

Quando tiver de retirar se, damais gloriosas de nossa marinha rá meia-volta, sem fazer mais continencia, e voltará pelo mes-

Não deverá fazer barulho on sistir á explosão de carga que os argentinos foram venci- assuada na guarda, nem contene dirigir o projectil trans- dos pelos nossos marinheiros. der com pessoas que por ella

HOTICIARIO NAVAL

Visita. - Vindo do Rio esteve entre nós o illustre contra almirante José Porfiro de Souza Lobo, digno Inspector de Marinha, sendo recebido no trapiche Municipal, pelo sr. Commandante e estado-maior da Escola. No dia 12 S. Exa. deu-nos a honra de sua visita, sendo recebido na Escola com todas as formalidades da ordenança.

Tenente Appio. - Foi exonerado do cargo de instructor desta Escola o distincto Capitão Tenente Appio Torquato Fernandes Couto. Saudosos pela ausencia de tão bello camarada, a quem o Marujo muito deve, auguramos-lhe todas as felicidades. Veio substituil-o o 1º Te-Aquelle que faltar a qualquer nente Lucas A. Boiteux.

Anniversarios. - A 28 desmotivo, incorrerá na pena de te mez completa mais um anno de util existencia o digno Instructor desta Escola, o sr. Capitão Tenente Alberto Gonçal-

A 29 do passado tambem fescio o incansavel Commissário 1º 3-Não entrará nas tavernas Tenente Francisco Roberto Bar-

Felicitações.

Onze de Junho. - Com este expressivo e glorioso titulo juizes de orphãos afim de an- de outro. appareceo na Escola de Apren- gariar menores desvalidos, dedizes do Piauhy mais um ex monstrando as vantagens do fica á direita, quando se está na forçado companheiro do Apren- alistamento. diz Marinheiro da Bahia e do

1º sagento Arthur de Moraes.

O Marnjo. - Devido a circunstancias imprevistas sahe este jornal com um pequeno atraante elle possa sahir com pon- torio geral do estabelecimento. tualidade.

Ministerio da Marinha

Regulamento das Escolas de Aprendizes Marinheiros, a que se refere o decreto n. 6.234.

Paragrapho unico. As esco-· las de 2º classe terão menos um instructor e dois marinheiros e as de terceira o mesmo pessoal das de segunda, mas, apenas, um instructor que será o immediato.

CAPITULO IX

Do Commandante

Art. 36. Ao commandante incumbe:

1º Velar sobre a disciplina, economia, material e pessoal da escola.

2º Cuidar na educação, asseio e bom tratamento dos aprendizes, passando frequentes visitas em todo o quartel para, por si mesmo, certificar-se do zelo e actividade de seus subordina. no presente regulamento. dos e da boa ordem e moralidade da escola.

3º Visitar amiudadas vezes fazer idéa do adeantamento dos serviço militar. menores e si elles são dirigidos com dedicção pelos respectivos instructores.

ensino respectivamente pelos officiaes e inferiores, observandose o horario que será organizado pelo Chefe do Estado-Maior da Armada.

5º Conferir os distinctivos e graduações de que trata o art.32

6. Applicar os castigos estatuidos no art. 28.

9º Detalhar o serviço do quar-

11. Enviar ao Quartel Gene-Marujo. Gratos pela sua visita. ral o mappa mensal da escola que fica á esquerda. Commissario. - Tomou com referencia a todo seu pesconta do cargo de commissario soal e de seis em seis mezes, indesta escola o digno 1º tennete formações sobre o adeantamen- te, e BB. para significar bom to, conducta e aptidão profissio- bordo. Reforma .- Foi reformado nal dos aprendizes, faltas coma pedido o mestre desta escola mettidas, castigos infligidos e outras occurrencias que deve- fundo do navio no sentido de rão constar do livro de serviço seu comprimento, e sobre a qual

12. Remetter, finalmente, em zo. Esperamos que d'ahi em di- fevereiro de cada anno o rela- da ou alquebrada sendo ella na coberta e não na sobre-quilha

CAPITULO X

Do Immediato

Art. 37. Compete ao imme-

1º Substituir o commandante.

tabelecimento.

3º Detalhar o serviço por de-

dos que lhe são subordinados toda a disciplina.

sabilidade toda e qualquer questão urgente que não possa esperar pelo commandante, deda deliberação tomada.

6º Fiscalizar toda a escripturação e despezas geraes.

7º Policiar o estabelecimento e todo o serviço para o bom desempeuho das respectivas obri- liente da roda de prôa. gações, conforme se achar determinado nas ordens do dia e

Art. 38. O immediato é a unica autoridade da escola que se as escolas e officinas para para commandante em objecto de tado.

4º Distribuir as materias do Nomenclatura e descripção das principaes partes do navio que têm relação com o apparelho

te anterior do navio.

Pôpa é a parte posterior do navio e opposta á prôa.

7º. Licenciar os aprendizes, tuado no meio do navio para a ços, e assim por diante até a al- lho das cobertas; ficão as de en-8º Permittir que os mesmos proa, e A réfallando-se de qual- tura do convêz, tomando os ul- contro ás braçolas das esentisejam visitados por suas fami- quer objecto situado do meio do timos o nome de Aposturas; a lhas. navio para a pôpa: da mesma todo este conjuncto de cavernas forma se diz Ant'á vante quan- e braços dá-se o nome de Casas tolalidade do taboado, que no

Boreste é o lado do navio que pôpa olhando para a prôa.

Bombordo é o outro lado ou o

turas BE para significar bores-

Quilha é uma grossa e forte viga quadrangular situada no são cavilhadas as carvernas;

A quilha póde ser recta tosaportanto a base principal do navio. A quilha é forrada pela sua

2º Informal-o de todas as oc- forte pranchão cavilhado sobre um e outro lado, chamão-se Tacurrencias que se derem no es- a quilha em todo o seu compri- boas do resbordo. mento por cima das carvernas.

5º Resolver sob sua respon- com a quilha chama-se Pate- a roda de prôa e o cadaste.

navio.

Coral é uma peça de madeira costuma ser volante. de forma curva, que se cavilha

Cavernas são umas peças de madeira de forma curva cavilha-Prôa é o nome que tem a par- des, de um e outro lado, umas das differentes cobertas. peças de madeira que se chamão tel; como melhor convier á or- do se falla de qualquer objecto de madeira, e sobre ellas assensentido de pôpa á prôn assenta e dem e disciplina do estabeleci- situado pela prôn de outro, e ta e é cavilhado todo o taboado é cavilhado nos váos. Ant'à ré quando se falla de qual- exterior do navio. As casas de

10. Invocar a intercessão dos quer objecto situado pela pôpa madeira sobre as quaes se formão os delgados da prôa e da pôpa chamão-se Hastes, e as ultimas da pôpa de um e outro lado chamão-se Cambotas.

Carlinga é uma solida peça de madeira, que no sentido de BB. Tambem se usa das abrevia- á B encaixa na sobre-quilha com uma especie de malhete que se lhe faz ese chama Ganzepe, sendo depois as extremidades pregadas ou cavilhadas. No mejo da carlinga se lhe abre uma casa quadrangular, que se chama Caixa, para emmechar o mastro. Nos navios de tres mastros a carlinga do mastro de ré é fixa come as dos outros dous.

Costado é o nome que tem a face inferior com uma grossa totalidade do taboado exterior prancha que se chama Sobre-sa- que fecha o navio, depois de cano, para preserval-a de damni- vilhado nas cavernas e bracos ficar-se nas occasiões de enca- ou casas de madeira. As primeiras taboas do costade, isto é, Sobre-quilha é um solido e as que ficão unidas á quilha de

Alefris é como se chama um Roda de prôa é uma grossa e entalho que se pratica de um e legação do commandante e con- forte peça de madeira da forma outro lado da quilha, em toda a forme for por elle determinado. curva cavilhada, com escarva, sua extensão, contornando tam-4º Zelar para que os emprega- em uma das extremidades da bem a roda de prôa e o cadaste, quilha, e que determina a prôa para bem ajustar as taboas do e aprendizes se conduzam com do navio. O angulo formado ex- resbordo com a quilha, e os toteriormente pela roda de prôa pos do taboado do costado com

Portinholas são as aberturas Cadaste é uma outra grossa e quadrangulares praticadas nas forte peça de madeira curva pe- amuradas, aonde trabalha e jovendo logo dar parte ao mesmo lo interior e recta pelo exterior ga a artilharia. As peças de matambem cavilhada, com escar- deira com que se fechão as porva, na outra extremidade da qui- tilholas chamão-se Meias porlha, e que determina a pôpa do tas; sendo uma inferior que se move sobre uns gonzos de me-Talha-mar é a parte mais sa- tal chamados Missagras e fixos no costado, e outra superior que

Dormentes são umas fortes pela parte interna da roda de vigas cavilhadas nos ultimos prôa e do cadaste para fortifical- braços pela parte interna d'esos: sobre os coraes são cavilha- tes de um e outro lado deste a communica directamente com o dos os topos do taboado do cos- prôa até a pôpa, e que servem para sobre elles assentarem os váos, sendo ahi cavilhados.

Váos são umas grossas vigas das, com entalhe, na quilha em quadrangulares, que no sentido todo o comprimento d'esta, no de BB. á BE descansão suas exsentido de BB. á BE, e equidis- tremidades e são cavilhados nos tantes umas das outras. As ca- dormentes, servindo para sobre vernas são augmentadas cavi- elles assentarem e serem cavilhando-se nas suas extremida- lhadas as taboas dos assoalhos

Latas são peças de madeira Primeiros braços; estes ainda semelhante nos váos, porém são augmentados da mesma for- mais delgadas, que se colloção Tambem se diz A' vante fal- ma com outras peças de madei- entre estes e tambem servem lando-se de qualquer objecto si- ra que se chamão Segundos bra- para apoio das taboas ou asso-

Convéz é o nome que tem a

Continua